

A PORTUGAL

Silvio Renato Jorge*

Publicado em *Quarenta anos de servidão* (1979), primeiro livro póstumo de Jorge de Sena, mas escrito em dezembro de 1961, o poema “A Portugal” é contemporâneo daqueles que, produzidos no Brasil, foram publicados em *Peregrinatio ad loca infecta* (1969). Com eles, estabelece uma relação muito significativa, no que se refere ao projeto do poeta de conceber sua escrita como um testemunho do humano, daquilo que, olhando de forma crítica para o presente, traz em si o gérmen do idealmente possível.

Marcado por um discurso virulento e amargo, o poema subverte o modelo laudatório que seu título sugere e, ao invés de configurar-se como um hino de glorificação e homenagem à pátria, desvela suas entranhas para fazer aflorar o seu apequenamento, sua mesquinhez, enfim, a contra-face da imagem idílica e paradoxalmente heroica do país construída pelo salazarismo. Apresentado como “dejecto de romano império” e “salsugem porca de esgoto atlântico”, Portugal desloca-se do espaço, convenientemente desenhado por décadas de uma forte ação ideológica por parte do Estado Novo, para um ponto em que a perspectiva crítica dos versos desvela a hipocrisia das relações sociais, a idealização fantasiosa das glórias passadas e a fragilidade econômica de um povo que, naquele momento, era um dos mais pobres da Europa. Assim, acompanhando o complexo jogo de afetividades construído pelo texto, atravessam esse poema dois eixos temáticos fundamentais: de um lado, a relação entre o poeta exilado e a terra em que nasceu; de outro, a síntese de um império em ruínas, que busca sobreviver agarrando-se ao passado.

Portugal é, já ao início, a pátria que não pode ser amada, porque ditosa não o é: mais do que isso, é madrasta. Nessa palavra, condensa-se uma gama de significados que apontam para a complexidade de uma relação afetada

pelo sentido de perda, ou seja, afetada por um nexos que, imposto por contingências da vida, não se baseia no amor abnegado. O amor à pátria, longe de qualquer fantasia romântica, aqui se constrói pela separação, pela dor, pelo avesso: “Eu te pertenço: mas ser’s minha, não”. Se o vínculo estabelecido pelo nascimento é laço do qual o poeta não pode (e não quer?) escapar, aquilo, todavia, em que o país se transformou após séculos de experiência colonial e décadas de ditadura o obriga a um testemunho da decadência, da fragilidade de pilares que se erguem sobre a “terra de heróis a peso de ouro e sangue,/ e santos com balcão de secos e molhados/ no fundo da virtude; terra triste”. Nesse sentido, é importante lembrar que o poema data do fim de 1961, ano em que se iniciou o momento mais crítico da experiência colonial portuguesa e no qual várias fraturas do regime ficaram expostas. Nesse ano, Henrique Galvão tomou o navio Santa Maria; iniciou-se a luta armada em Angola, com o conseqüente envio de tropas ao país; ocorreu a tentativa frustrada de golpe de estado chefiada por Botelho Moniz; a ONU, em diversas instâncias, condenou a política colonial portuguesa. Por outro lado, em resposta a tudo isso, o salazarismo expôs de forma cada vez mais acutilante os seus humores, numa tentativa de sobrevivência que levou o país a uma guerra interminável, ao isolamento cada vez mais acentuado na comunidade internacional e a um sistema de repressão ideológica asfixiante. O poema de Sena resume a dor diante de uma pátria degradada e degradante, que, conduzida por moral oblíqua, rejeita aqueles que ousam questioná-la. Em sua virulência, expõe o amor cru de quem contrapõe à realidade corrompida um sentido ético a cumprir. Assim, em seus versos, o poeta não é o cantor áurico de um ninho de heróis, mas o intelectual angustiado, o indivíduo capaz de reconhecer seu papel como porta-voz daqueles que, deslocados, não só contemplam as ruínas de um mundo em decadência, como também assumem o compromisso de enfrentar a hipocrisia dos homens e de seus governantes.

* Professor de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, Doutor em Letras pela UFRJ, bolsista de produtividade em pesquisa Nível 1C do CNPq. Professor colaborador no Doutorado em Patrimónios de Influência Portuguesa do CES/Universidade de Coimbra.